

Discursos, subjetividades e vidas em tempos de pandemia: uma apresentação

Discourses, subjectivities and lives in times of pandemic: a presentation

Antônio Fernandes Júnior¹
Universidade Federal de Goiás - Regional Catalão - UFG
tonyfer@uol.com.br

Denise Gabriel Witzel²
Universidade Estadual do Centro-Oeste - UNICENTRO
witzeldg@gmail.com

¹ Professor Doutor do curso de Graduação e Pós-Graduação em Letras da UFG/Regional Catalão. Coordenador do Laboratório de Estudos Foucaultianos de Catalão (LEF-GO).

² Professora Associada na UNICENTRO, atuando na graduação e no programa de pós-graduação em Letras (mestrado e doutorado). Coordenadora do Laboratório de Estudos do Discurso e do Programa Paraná Fala Francês na UNICENTRO.

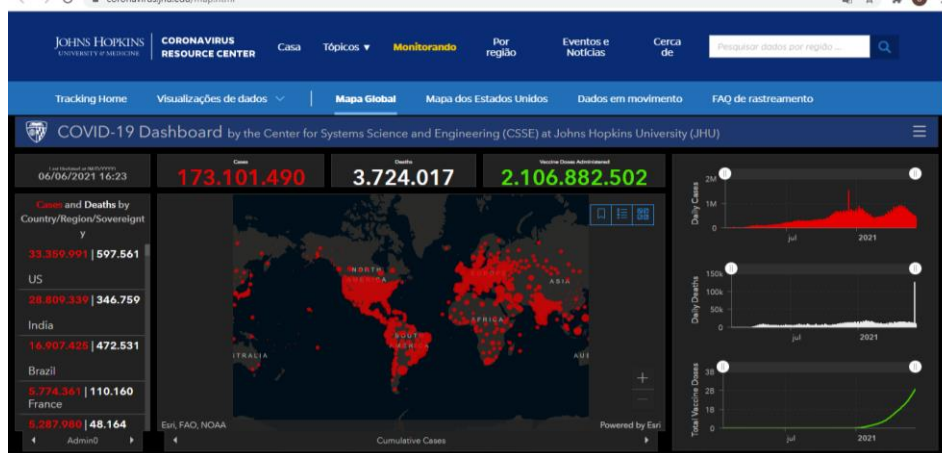
*não há quem goste de ser número/
gente merece existir em prosa
(Edson Pavoni)*

Reunindo trabalhos que, por meio de diferentes perspectivas, pretendem refletir sobre uma temática comum – **discursos, subjetividades e vidas em tempos de pandemia** –, este dossiê apresenta-se como uma contribuição importante para avaliarmos e refletirmos sobre as urgentes questões que o mundo contemporâneo, atingido pela pandemia, coloca-nos e sobre as quais podemos nos debruçar, a fim de compreendermos, via Análise do Discurso, a produção de sentidos, subjetividades e verdades.

Ao tempo em que este dossiê se organiza, no primeiro semestre de 2021, vemos que o surgimento do vírus SARS-CoV-2, causador da Covid-19 – descoberto em Wuhan, na China, em dezembro de 2019 –, tem gerado medos, desesperos e inseguranças, quebrando muitas expectativas e economias, confinando os corpos em suas casas e, o mais grave, provocando milhares de mortes. Segundo os dados/imagens disponibilizados no site da *Johns Hopkins University* (Figura 1), capturados em 6 de junho de 2021, a gravidade/letalidade desse vírus aponta para ocorrência de 173.101.490 de pessoas contaminadas e 3.724.017 mortas em esfera global. Precisamente no Brasil, os números que nos atingem no site destacado são 16.907.425 casos e 472.531 mortes. Um número que poderia ter sido parcialmente evitado, não fosse o negacionismo do governo que sustentou a tese de que o coronavírus não seria tão grave. Na contramão das autoridades em saúde pública que orientavam, desde o início, o isolamento social como o método mais eficaz para a contenção da disseminação do coronavírus, incentivou o não cumprimento das normas com foco na recuperação da economia, mesmo que isso custasse “algumas” vidas.³

³ Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/03/ha-um-ano-participacao-de-bolsonaro-em-atlancou-bases-do-negacionismo.shtml>>. Acesso em: 1 jun. 2021.

Figura 1 - Panorama mundial de contaminados e mortos pelo coronavírus, em 6 de junho de 2021



Fonte: MapaCovid19 – Coronavirus Resource Center - Johns Hopkins University⁴.

Nesse cenário, a única esperança para se colocar um fim na pandemia são as vacinas contra a Covid-19. Logo após ser constatado o alto número de contágios pelo mundo, vários laboratórios iniciaram um trabalho intenso para produzir, testar e iniciar a imunização da população. Embora a Organização Mundial da Saúde (OMS) alertasse, em fevereiro de 2020, que uma vacina demoraria em torno de dezoito meses, já no final de junho de 2020, testavam-se as primeiras doses com eficácia. Em dezembro desse ano, 59 vacinas, de diferentes laboratórios, já tinham seus testes avançados e algumas, como a Pfizer-BioNTech, a Universidade de Oxford (em colaboração com a AstraZeneca), já estavam autorizadas como estratégia de controle da transmissibilidade. Note-se na Figura 1 que, até a data em que foi feito o registro da imagem, 2.108.022.027 pessoas já haviam sido vacinadas no mundo. No Brasil, contudo, apenas 10,8%⁵ da população estavam vacinadas nessa data.

Desde o início da disseminação virulenta da Covid-19, a pandemia tem sido objeto de inúmeros discursos, marcados por saberes, poderes, crenças e “verdades” diversificadas, quer pela ciência quer pelas notícias falsas (*fake news*), cujos embates e estratégias estabelecem a divisão entre os discursos sobre a preservação da vida *versus* mercado. O caráter democrático do vírus, atestado por aqueles que defendiam não haver distinção de classes sociais, e a defesa de que o coronavírus teria dificuldade de se reproduzir em países de clima tropical são algumas das afirmações que não se sustentaram face ao fato de que ele acentuou, de forma expressiva, as desigualdades sociais, marcadas pelo grande número de mortes de pessoas negras, pobres ou em situação de vulnerabilidade social. Nesse cenário de exclusões, de um

⁴ Disponível em: <<https://coronavirus.jhu.edu/map.html>>. Acesso em: 6 jun. 2021.

⁵ Disponível em: <<https://ourworldindata.org/Covid-vaccinations?country=BRA>>. Acesso em: 6 jun. 2021.

lado, crescem práticas machistas, racistas e sexistas; de outro, irrompem diversas mobilizações – nas ruas e nas redes sociais – com vistas a combater e eliminar tais discursos e práticas. Movimentos feministas, antirracistas, antifascistas e de Direitos Humanos têm ganhado grande visibilidade ao denunciarem os retrocessos mediante atos de resistência que clamam pela vida, pela possibilidade de respirar e de ter uma existência digna de ser vivida.

Do início de 2020 até o momento, inúmeros acontecimentos discursivos produzidos sobre a Covid-19 ainda se digladiam no campo social, cujas verdades, inscritas nos saberes da ciência, respaldados por pesquisas, análises e, inclusive, a criação de vacinas em tempo recorde, ainda convivem com os discursos negacionistas e falsas discussões sobre tratamento precoce, sobretudo no Brasil. A disputa por verdades no espaço social gera conflitos de informações e contribui para a desinformação da população, pois o alcance das notícias falsas é muito grande em relação aos contra-argumentos apresentados por instituições científicas, com pesquisas sérias e dados fundamentados. Cabe uma ressalva nessa discussão e um cuidado para não tomar todo o campo da ciência dentro de um bloco homogêneo, porque muitos médicos e até pesquisadores defendem o chamado tratamento precoce. Sem falar no atual presidente da república brasileira, que é considerado um dos grandes, ou o maior, divulgador de *fake news* sobre o tratamento precoce⁶ e reúne junto de si médicos que recomendam o referido tratamento e reforça, em termos institucionais (saber médico), os discursos defendidos pelo chefe de Estado.

Essa disputa por verdades no campo social é mobilizada por discursos conflitantes e esses discursos recaem sobre o corpo da população, que pode ou não se identificar com um ou outro e assumir essa verdade para si e colocá-la em prática. Esse efeito dos discursos gera processos de subjetivação, cuja adesão a uma verdade ou outra faz com que grupos de indivíduos se constituam como sujeitos dos discursos, com os quais se identificam ou se deixam conduzir, de modo que suas condutas estejam alinhadas aos saberes desse discurso aos quais se assujeitam. “Sujeitos inseridos num mesmo momento histórico podem viver diferentes temporalidades, conforme a relação que eles mantêm com os saberes instituídos e legitimados numa sociedade” (NAVARRO, 2008, p. 60). São as práticas discursivas de um dado momento histórico que apagam, constroem, legitimam ou dão visibilidades a dados saberes construídos. Tais práticas e condutas vão ganhando contornos delimitados e guardam relações com os saberes, e crenças, que segmentos da população assumem para si.

⁶ Disponível em: <<https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,cloroquina-tem-bolsonaro-como-maior-influenciador-do-mundo,70003738175>>. Acesso em: 6 jun. 2021.

Por esse motivo, o dossiê temático, proposto a este número da revista *Heterotópica*, discute a inter-relação entre “discursos, subjetividades e vidas em tempos de pandemia”, a partir do qual se vislumbrou discussões que pudessem problematizar como diferentes discursos vinculados à pandemia incidem sobre as condutas dos sujeitos, seja para afirmar a vida, numa dimensão ética na qual o cuidado com a proteção de si é também para outro, ou, numa outra chave, quando temos grupos de sujeitos arrogando o cerceamento das liberdades (individuais, de trabalho etc.), que determinadas medidas não funcionam e, em atitudes mais extremas, defendendo práticas e condutas necropolíticas. São discursos que constroem sujeitos, condutas e políticas de vida numa racionalidade histórica marcada pela pandemia.

Como dito acima, no meio dessa profusão de discursos, atravessados por relações de saber-poder, movimentos em defesa dos direitos humanos e da vida, realizaram diferentes protestos mundo a fora e no Brasil, cuja pauta vai de encontro aos discursos negacionistas e aos saberes e condutas delimitadas por esse modo de ver, falar e se posicionar sobre a Covid-19. Se as relações de poder, tal como pensadas por Foucault, pautam-se no eixo das ações e reações e nas práticas de condução das condutas, pode-se vislumbrar, por exemplo, que os negacionistas criem resistência à ciência defendendo o tratamento precoce, tão ao gosto do atual presidente, pois duvidam a tal ponto da pandemia que criaram outra forma de nomeá-la, por meio do enunciado “fraudemia”. As batalhas entre os discursos e a disputa pelas verdades, historicamente construídas, demarcam o nosso tempo presente.

Os artigos que compõem este dossiê, portanto, problematizam essas e outras questões com vistas a contribuir com as discussões que visam a quebrarem, fundamentalmente, a ideia do **fazer viver, deixar morrer**. Filiados às diversas linhas de Análise do Discurso, os trabalhos dão relevo ao combate à produção e reprodução tanto das desigualdades sociais quanto dos sistemas relacionados de opressão, dominação ou discriminação de sexo, gênero e raça.

Nessa direção, no artigo **Paternidade em tempos pandêmicos no discurso jornalístico: entre poder biopolítico e obediência/desobediência**, Pedro Navarro, Ingrid Lívero e Mônica Chagas analisam o discurso jornalístico com o objetivo de darem visibilidade ao entrelaçamento entre paternidade e pandemia. Voltam-se, analiticamente, para as expressões sintagmáticas “pais na pandemia” e “pais separados na pandemia” relacionando-as com diversas instâncias sociais, de modo a compreender o “funcionamento do campo jurídico nas relações familiares, o qual se fundamenta no regime de verdade da ciência e em práticas de biopolítica”. Tratam, ainda, das práticas de liberdade e das que dizem respeito aos modos de (des)obediência enredados nas tramas do poder governamental.

Sarah Carime Braga Santana, Antoniel Guimarães Tavares Silva e Anísio Batista Pereira, no artigo em **Notas arqueogeneológicas sobre o uso de máscara na pandemia**, ancoram-se na perspectiva teórica de Michel Foucault para desenvolverem um gesto analítico em torno da prática singular instaurada no período pandêmico: uso de máscaras. Ao se debruçarem sobre os discursos materializados na reportagem “Do Anonymous ao Covid, uso de máscaras vai mudar a lógica de nossas relações”, de Christian Dunker, os autores destacam enunciados e jogos de verdade “do individual ao coletivo na produção de subjetividades”.

Maria do Rosario Gregolin, por sua vez, descreve e problematiza o letramento e a exclusão social no espaço escolar agravada em tempos de pandemia. Em **Oh, bendito o que semeia livros, livros a mão cheia! Letramento, pandemia, exclusões sociais no Brasil**, ela adota a perspectiva foucaultiana *arqueogeneológica* para mostrar que a atualidade dessa exclusão retoma práticas orientadas por um forte nacionalismo ufanista que, na Escola Republicana, promoveu ocultamento das contradições e segregações para a manutenção da ordem desigual. “O prolongamento dessa segregação, no momento atual, no programa *Conta pra mim* (MEC, 2019), ocorre na ausência de políticas afirmativas e aprofunda o abismo entre aqueles que têm acesso ao letramento pela via digital e outros que são alijados dessa conquista social”.

No capítulo intitulado **O Plantão do Jornal Nacional como resposta ao silenciamento bolsonarista: uma análise discursiva**, Nelson Figueira Sobrinho e Dantielli Assumpção Garcia focalizam os fatos que ocorreram quando o governo federal decidiu retardar o horário de divulgação dos dados relativos aos casos e às mortes por Covid-19, de modo que o Jornal Nacional não pôde divulgá-los durante noticiário, mas o fez no plantão. Balizados pelos estudos de análise de discurso segundo Michel Pêcheux e Eni Orlandi, os autores apontam, em suas análises, que o silenciamento provocado pelo presidente Jair Bolsonaro faz emergir uma memória discursiva própria dos regimes autoritários (extrema-direita). Contudo, a investigação mostra que o plantão jornalístico suplanta a estratégia autoritária e acaba dando mais destaque aos dados censurados.

Valendo-se do mirante teórico da arqueogenologia de Michel Foucault, Hoster Older Sanches, no artigo **Resistência e pandemia pela lente da mídia jornalística eletrônica brasileira: uma análise discursiva**, apresenta uma investigação discursiva sobre possíveis emergências de práticas de resistência enunciadas no discurso de mídias jornalísticas brasileiras que circularam na *internet* no mês de abril de 2020. Visando a compreender como os espaços públicos foram discursivizados e problematizando a prática de resistências à norma discursiva pandêmica em espaços públicos enunciados nas mídias jornalísticas, as

discussões mostram que o discurso midiático materializa os efeitos de um dispositivo de segurança de funcionamento capilar. Mostra, ainda, que as formações discursivas política e econômica possibilitam resistência às normas pandêmicas ao promover a aglomeração de indivíduos.

Máquinas de guerra e sua potência revolucionária: produção-escrita como afirmação da vida é o título do trabalho de Amanda Soares Mantovani e Marcelo Vinicius Costa Amorim que tem como objetivo perceber e apreender de que maneira(s) a escrita pode ser prática de resistência e técnica de afirmação da vida, tendo em conta a potência revolucionária e as singularidades das diversas máquinas de guerra. Valendo-se dos aportes filosóficos de Gilles Deleuze e Félix Guattari, aliados aos pressupostos da *arqueogenealogia* de Michel Foucault, os autores analisam as produções-escrita de Manoel de Barros e de Luiza Romão entendendo-as como legítimas máquinas de guerra. Entendem que eles protagonizam operações enquanto literatura menor, com suas intensidades e efeitos de sentido próprios, traçando seus processos e lutas políticas em jogos de experimentação.

Geilson Fernandes, em seu artigo **O discurso midiático sobre a ansiedade em tempos de Covid-19: prescrições, formas e normas**, traz uma reflexão sobre os discursos em torno da ansiedade, em especial aqueles versados sobre modos para seu controle e superação, os quais tiveram sua emergência e circulação no contexto de irrupção da pandemia da Covid-19. Voltando-se para a produção discursiva dos portais de notícias El País Brasil, BBC News Brasil, UOL e Veja, o autor, embasando sua descrição, interpretação e análise nos pressupostos teóricos da Análise do Discurso foucaultiana, aponta para um redimensionamento dos sentidos em torno da ansiedade no contexto de pandemia, ao passo em que são discursivizados saberes para lidar com os seus efeitos, reforçando o viés prescritivo e as relações de saber-poder dos discursos midiáticos.

Já no capítulo **Corpo e experiência de nós mesmos: sobre o Diário Foucaultiano de Quarentena do Labedisco na pandemia**, Beatriz Souza Almeida e Nilton Milanez discutem sobre o corpo e suas experiências a partir dos Estudos Discursivos Foucaultianos. Tomando como *corpus* as publicações do *Diário Foucaultiano do Labedisco*, nas páginas do *Facebook* e *Instagram*, abordam questões acerca da pandemia do Covid-19. Metodologicamente, os autores se concentram na formação de séries das narrativas veiculadas nessas redes sociais, dessa forma, demonstrando preocupações arroladas à necropolítica, à biopolítica e, também, sobre a política dos corpos e sua administração sob o governo de Jair Bolsonaro. A pesquisa aponta, como resultado, posicionamentos dos sujeitos no tocante à higienização disciplinar,

morte e descaso governamental durante os seis primeiros meses da pandemia até uma mudança de suporte: aquela das narrativas para *podcasts* no *Spotify*.

Na sequência, em **Corpo e Museus em tempos de pandemia: uma poética da ausência**, Maria Cleci Venturini e Rafael Fernandes apresentam uma reflexão de natureza discursiva sobre os efeitos de sentidos de corporalidade observados a partir de uma visita virtual a uma sala do Museu de Arte Sacra São João Del-Rei, de Minas Gerais. Nesse capítulo, os autores discutem a noção ‘poética da ausência’ decorrente do quadro da pandemia de Covid-19 no ano de 2020, bem como sobre a ‘performatividade’ do corpo nesta ocasião. Com efeito, corroboram a tese de que a narratividade da visita virtual sublima o corpo, recompondo-o em seus olhares e pontos de atenção e, desse gesto analítico, destacam o movimento de leitura realizado sob o julgo da ordem do discurso, o qual tende a reduzir as tensões da verdade, projetando uma só história sob pretensa aura de pacificidade de linguagem.

A reflexão de Flávia Marinho Lisbôa sobre a pandemia é feita a partir da mulher negra, em **Pandemia e a colonialidade em (dis)curso no corpo da mulher negra**. A autora trata, especificamente, do lugar da trabalhadora doméstica como representativo da colonialidade e das desigualdades sociais no Brasil. Sua reflexão toma o enunciado remetido à trabalhadora doméstica Mirtes Souza, no especial *Falas Negras*, exibido na Globo em 20 de novembro de 2020, em alusão ao Dia Nacional da Consciência Negra. A partir o mirante da Análise do Discurso com Foucault, mobilizando os conceitos de interseccionalidade e de decolonialidade, a autora evidencia a linha de força que vulnerabiliza esse corpo, não apenas na pandemia, mas num lastro histórico em curso, desde a colonização com permanentes atualizações que as permitem acontecer com efeito de naturalidade, conforme preconiza o Dispositivo Colonial. Em suma, a autora aponta, sobretudo, a desumanização desse corpo como resultado de um projeto colonial em curso até a atualidade.

Ady Canário de Souza Estevão, com **Formação discursiva da reexistência: a fala feminina negra no discurso midiático em tempos de pandemia**, em seu turno, objetiva uma análise sobre a constituição da reexistência por meio da fala feminina negra inscrita na formação discursiva midiática. Recorrendo às formulações teóricas da Análise do Discurso foucaultiana, ao passo em que dialoga com os estudos étnico-raciais descoloniais, o autor analisa enunciados coletados de um portal brasileiro de notícias *on-line*, em que uma mulher negra, mãe e empregada doméstica é entrevistada durante a pandemia de Covid-19. Do gesto analítico empreendido, os resultados culminam para uma fala feminina negra acerca da desigualdade, do preconceito e da discriminação, assim localizando a reexistência negra

possível no enfrentamento às opressões. O discurso midiático inserido em formações discursivas, conforme demonstra esse capítulo, reatualiza as memórias dos modos de viver e de morrer de grupos étnico-raciais na contemporaneidade.

Por sua vez, Bianca Ayala Melo Di Alencar, Leonardo Guimarães de Assis e Maurício Divino Nascimento Lima problematizam os enunciados do Presidente do Brasil, Jair Bolsonaro, no tocante à pandemia, veiculados na mídia entre outubro de 2020 e janeiro de 2021. Em **Discursos e subjetividades: breve análise dos enunciados do presidente do Brasil em tempos de pandemia**, os autores, fundamentados nos estudos discursivos de matriz metodológica foucaultiana, problematizam, arqueogeneologicamente, a história do presente em contexto pandêmico. Considerando, no fio da história, as relações de poder, saber e verdade, demonstram que as estratégias e táticas produzidas no e pelo discurso de Bolsonaro confrontam verdades científicas e, por fim, incidem diretamente nos processos de subjetivação de milhões de apoiadores desse governo.

Em **O discurso bolsonarista sobre o viés ideológico na pandemia da COVID-19**, Eric Duarte Ferreira, Ana Cristina Agnoletto e Maruana Kássia Tischer Seraglio abordam o discurso do governo brasileiro em relação à atuação da OMS na condução da pandemia do novo coronavírus. Nesse sentido, têm como objetivo “examinar como se produzem os efeitos de sentido relacionados à composição da marca discursiva do “viés ideológico” em pronunciamentos do presidente e do ministro das relações exteriores durante a pandemia de COVID-19”. Com isso, os autores buscam apreender a materialização da discursividade antiglobalista nesses discursos, o que permite ao bolsonarismo implicar o “viés ideológico” sempre ao espectro político da esquerda.

O texto de Júlia Lourenço Costa, intitulado **Espaço híbrido e protagonismo da hashtag**, fecha este dossiê propondo uma reflexão acerca do “funcionamento dos processos linguístico-discursivos que operam como força motriz dos movimentos sociais e políticos atuais marcados pelo ajustamento aos dispositivos e novos suportes comunicacionais”. A autora permite apreender a hashtag como “impulsionadora da maior percepção do espaço híbrido, que se estabelece entre o ambiente digital e o espaço urbano”. Desse modo, para sustentar a discussão, toma como *corpus* discursos que emergiram em torno do enunciado #elenão, produzido e circulado durante as eleições de 2018 com referência à candidatura de Jair Bolsonaro, e retomado atualmente durante o período de pandemia como modo de resistir ao discurso negacionista propagado pelo governo federal.

Começamos o texto deste dossiê apresentando números de vítimas para o vírus da Covid-19 no Brasil, percorrendo um breve histórico de como a epidemia foi

anunciada/oficializada, o número de vítimas no país e as disputas sobre as “verdades” da e sobre a pandemia que ainda enfrentamos. Se para os defensores e difusores do negacionismo a pandemia é caracterizada como fraudemia, alegando que os números de óbitos, saberes científicos e os cuidados de prevenção são falsos, um grupo de artistas⁷ desenvolveu um projeto intitulado *Inumeráveis* como forma de evitar a naturalização e frieza dos números frente às histórias de vida de cada vítima da Covid-19 no Brasil. O texto de abertura do site conta com uma epígrafe de Edson Pavoni, assim formulada: “não há quem goste de ser número/ gente merece existir em prosa”. Esse fragmento de texto, aqui pensado na condição de enunciado, bem como os textos de apresentação do projeto, em conjunto, caracterizam-se como uma prática de resistência, construída em oposição à frieza dos números, gráficos e percentuais de mortes que, cotidianamente, assistimos nos telejornais, nos boletins diários de cada cidade ou acessados em sites de internet. O existir em prosa, ao se contrapor aos números destacados anteriormente, coloca em discussão, e em discurso, que cada indivíduo não merece a categorização numérica, pois cada um/a tem uma história de vida, marcada por afetos, memórias e sonhos.

Em diálogo com o projeto *Inumeráveis*, o cordelista Bráulio Bessa⁸ fez um poema com o título homônimo e Chico César construiu uma linda música para o poema. O resultado desse processo auxilia na multiplicação da proposta de arte e intervenção do site *Inumeráveis*, possibilitando uma circulação maior dos discursos e o alcance a público também maior, pois a canção tem esse potencial de atingir outros públicos e fazer com que os discursos que afirmam a vida possam conquistar e produzir outros efeitos na condução das condutas no campo social. É uma aposta muito criativa, cuja inventividade nos remete à celebre afirmação de Michel Foucault (1979), quando argumenta que as resistências precisam ser tão inventivas quanto as relações de poder.

Abaixo, indicamos o poema mencionado na íntegra, pois o discurso de alerta se faz necessário, a fim de que a vida seja celebrada e não tornada apenas como números frios:

⁷ Artistas participantes do projeto: Edson Pavoni, Rogério Oliveira, Rogério Zé, Alana Rizzo, Guilherme Bullejos, Gabriela Veiga, Giovana Madalosso, RayaneUrani, Jonathan Querubina. Há também jornalistas e voluntários que integram o projeto continuamente. Para mais informações, consultar: <<https://inumeraveis.com.br/>>.

⁸ O poema de Bráulio Bessa e informações sobre ele estão disponíveis em: <<https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/verso/leia-na-integra-o-poema-inumeraveis-do-cordelista-cearense-braulio-bessa-1.2248744>>. Acesso em: 6 jun. 2021.

<p>Inumeráveis <i>Autor: Bráulio Bessa / Chico César</i></p> <p>Andre Cavalcante era professor amigo de todos e pai do Pedrinho. O Bruno Campelo seguiu seu caminho Tornou-se enfermeiro por puro amor. Já Carlos Antônio, era cobrador Estava ansioso pra se aposentar. A Diva Thereza amava tocar Seu belo piano de forma eloquente Se números frios não tocam a gente Espero que nomes consigam tocar.</p> <p>Elaine Cristina, grande paratleta fez três faculdades e ganhou medalhas Felipe Pedrosa vencia as batalhas Dirigindo Uber em busca da meta. Gastão Dias Junior, pessoa discreta na pediatria escolheu se doar Horácia Coutinho e seu dom de cuidar De cada amigo e de cada parente. Se números frios não tocam a gente Espero que nomes consigam tocar.</p> <p>Iramar Carneiro, heroi da estrada foi caminhoneiro, ajudou o Brasil. Joana Maria, bisavó gentil. E Katia Cilene uma mãe dedicada. Lenita Maria, era muito animada baiana de escola de samba a sambar Margarida Veras amava ensinar era professora bondosa e presente. Se números frios não tocam a gente Espero que nomes consigam tocar.</p>	<p>Norberto Eugênio era jogador piloto, artista, multifuncional. Olinda Menezes amava o natal. Pasqual Stefano dentista, pintor Curtia cinema, mais um sonhador Que na pandemia parou de sonhar. A vó da Camilynão vai lhe abraçar com Quitéria Melo não foi diferente. Se números frios não tocam a gente Espero que nomes consigam tocar.</p> <p>Raimundo dos Santos, um homem guerreiro O senhor dos rios, dos peixes também Salvador José, baiano do bem Bebia cerveja e era roqueiro. Terezinha Maia sorria ligeiro cuidava das plantas, cuidava do lar Vanessa dos Santos era luz solar mulher colorida e irreverente. Se números frios não tocam a gente Espero que nomes consigam tocar.</p> <p>Wilma Bassettivó especial pra netos e filhos fazia banquete. Yvonne Martins fazia um sorvete Das mangas tiradas do pé no quintal Zulmira de Sousa, esposa leal falava com Deus, vivia a rezar. O X da questão talvez seja amar por isso não seja tão indiferente Se números frios não tocam a gente Espero que nomes consigam tocar.</p>
---	---

Ao dar nome a cada vítima da Covid-19, o processo de identificação se marca, a identidade se faz presente; *Inumeráveis*, seja no projeto do site homônimo ou no poema canção de Bráulio Bessa e Chico Cesar, insurgem-se contra os números, pois “se números frios não tocam a gente/ espero que nomes consigam tocar”. Esse recorte enunciativo (o refrão) se repete ao final de cada estrofe e serve de alerta aos leitores e ouvintes, para que cada vítima da Covid-19 não se torne apenas mais um número. Dentre os possíveis usos do verbo “tocar”⁹, destacamos aqueles que remetem a ideia de alcançar um objetivo ou sensibilizar pela emoção. Esse verbo, na condição de enunciado, junto aos demais enunciados do poema, constrói discursos que podem sensibilizar as pessoas, sobretudo quando traz um breve relato, com nomes e pequenas histórias de cada vítima da Covid-19. Dessa forma, podemos perceber o quanto o discurso de afirmação da vida e celebração das memórias ecoa

⁹ Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/tocar>>. Acesso em: 6 jun. 2021.

mais forte, figurando como um convite à população, no sentido de se sensibilizar com a tragédia instaurada pela pandemia.

A delicadeza e a força do poema, que se apresenta como uma parte de um projeto maior, o site *Inumeráveis*, aposta numa outra estratégia de lidar os números. Ao se apropriar de trechos das pequenas narrativas de vida de cada brasileiro/a, imortalizando-as no memorial, o poeta recorta fragmentos, organiza-os em versos (estrutura poética de cordel) e o compositor potencializa o texto pela força da melodia.

O poeta consegue captar, de forma muito singular, a estratégia de resistência materializada no projeto *Inumeráveis*, qual seja, construir uma síntese, em versos, do grande acervo do site e, por meio da canção, convidar a população a refletir sobre a nossa racionalidade histórica. Com isso, o poema canção potencializa as histórias de pessoas de diferentes perfis socioeconômicos, para criação de uma proposta de revolta (contra as políticas de morte no Brasil); pela criação de um poema de acolhimento (trazer nomes, histórias e sonhos de cada vida perdida); por chamar a atenção de cada ouvinte ou leitor do poema a se solidarizar com as vidas perdidas. O poema é um convite, um alerta e um trabalho de intervenção! Absolutamente necessário em tempos de negacionistas, marcado por discursos e práticas necropolíticas. Assim como os compositores da canção, esperamos que os nomes e os discursos pró-vida possam tocar a população, construir novas condutas e modos de pensar o presente!

Referências

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

NAVARRO, Pedro. Discurso, história e memória: contribuições de Michel Foucault ao estudo da mídia. In: TASSO, I. (org.). **Estudos do texto e do discurso**: interfaces entre língua(gens), Identidade e memória. São Carlos, SP: Claraluz, 2008.